

Contos e Lendas Africanas (1923)

*Afrikanische Märchen
und Legenden (1923)*

Maria Aparecida Barbosa

UFSC

Yeo N'gana

Université Félix Houphouët Boigny, Costa do Marfim

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2021.e86363>

A origem dos peixes e da escuridão

Antes o sol surgia cercado por seus filhos, assim como a lua hoje se apresenta com as estrelas.

O calor no decurso do dia era tanto que as pessoas não podiam sair de suas cabanas e mal achavam o que comer. Assim elas estavam infelizes com seu destino.

A lua pensou muito e então ela foi até o sol e falou: “nossas crianças são motivo de preocupação. Por causa delas, as pessoas vivem resmungando. Assim se você concordar cada um de nós enfia suas crianças num saco e as jogamos n’água.”

Depois de dizer isso, a lua juntou pequenos cascalhos brancos. Enfiou-os num saco, depois foi ver com o sol, se ele tinha cumprido o combinado.

O sol estava pronto. Ele seguiu a lua até a margem do rio e depois dela jogou o seu saco nas águas do rio.

Mas como a noite logo chegou, o sol viu as estrelas reunidas rodeando a lua. Cheio de ira, o sol falou: “você me enganou. Amanhã eu vou buscar minhas crianças de volta.”

A primeira das suas crianças, que o sol pegou da água, morreu imediatamente, e assim, do mesmo jeito, a segunda e a terceira que ele tentou resgatar. Elas ainda brilhavam, contudo não conseguiam mais olhar nos olhos do pai-sol. Ele as deixou na água com medo de vê-las todas apodrecerem.

Essa é a origem dos peixes.

Desde então, o sol odeia a lua. Sempre a persegue e, às vezes, consegue agarrá-la.

(Reino de Daomé)

Da Tarde e da Manhã

Tarde e Manhã são irmãos.

Seu pai, Mahu, não as tratava de maneira semelhante. À mais velha, à Manhã, Mahu deu inúmeros súditos e todas as riquezas. À Tarde ele concedeu somente uma cabaça, tendo dentro umas espécies de pérolas, Nanan e Azanmun. Essas eram as únicas heranças que Manhã não recebera.

A Manhã adoeceu. O curandeiro foi convocado para tratar dela. Ele prometeu a cura somente se lhe fossem dadas as pérolas Nana e Azanmun. Muito apreensivos, os súditos saíram em busca das valiosas pérolas. Assim alguns deles foram até a Tarde e partilharam com ela as suas preocupações.

“Se eu lhes der as pérolas, o que vocês me dão em troca?”, perguntou a Tarde. Eles responderam: “conchas preciosas.”

A Tarde pegou a cabaça, que o seu pai lhe dera, a abriu, as pérolas caíram em grande quantidade no chão.

Sozinha, a Tarde ficou refletindo. Se flagrou desejando à irmã muitas doenças e pensou ter notado que as folhas da cabaça durante o curso da Manhã se fechavam. Ela então procurou um curandeiro, o encarregou de consultar Fa, o destino, se ela não causaria enfermidades à Manhã, na medida que colocasse as folhas totalmente abertas da cabaça sob seus pés. O Destino assentiu, e assim ela fez. A Tarde provocou a doença da Manhã, ao seu belprazer, e assim foi trocando suas pérolas pelas conchas preciosas da Manhã.

A Tarde acabou se tornando mais rica que a Manhã; como as pessoas tinham sido criadas, a Tarde podia lhes proporcionar mais que a irmã. E por isso a elegeram rainha. Deram-lhe doze pequenos acompanhantes, que cantavam:

Tarde, recebeste as honras da realeza.
Se fosse a Manhã honrada, o reino acabaria.
Uma vez que Realeza não perdura
Nas Horas ardentes do Dia.
(Reino de Daomé)

O Tanganica

Bem no alto de uma montanha ficava uma rocha nua à qual os pássaros se dirigiam para descansar. Que pássaros? Isso não sabemos dizer, mas eram pássaros grandes. É, eles tinham sede e diziam “vamos procurar água”, e com seus bicos batiam com tal força contra a rocha que quebravam os bicos. E morriam. E vinham outros, faziam a mesma coisa e morriam.

Então veio um passarinho, que com seu bico bateu bem suavemente. E ele cavava poeira e mais poeira aos bocadinhos. E, muito tempo depois disso, apareceu uma gota d’água e ele a bebeu. E ele prosseguiu batendo com o biquinho e, de repente, a água jorrou como uma torrente.

O passarinho voou cantando para longe. E todas as pessoas que não estavam nas montanhas afogaram com seus vilarejos.

A origem das Máscaras

Um tempo depois de Samba Mikepe ter se casado com Kashashi, essa teve uma criança. Um dia ela saiu do vilarejo para buscar água. A criança foi correndo atrás.

Ela falou para a criança: “volte para o vilarejo e fique com seu pai enquanto eu vou pegar água.”

A criança não queria obedecer; apesar dos castigos ela insistia em segui-la. Como Kashashi tinha que ficar cuidando da criança, ela derramou a maior parte da água pelo caminho e foi obrigada a retornar ao rio; novamente a criança teimou em acompanhá-la. Ameaças, castigos, inclusive do pai, nada adiantava. A criança chorava, urrava sem cessar, até que permitiram que ela acompanhasse a mãe. Kashashi era uma mulher inteligente; ela ficou a noite inteira pensando, como ela poderia impedir que a criança atrapalhasse seu trabalho. Finalmente ela encontrou uma solução. No côncavo de sua cabaça ela desenhou em cores uma feição bem feiosa. Tão logo a criança veio atrás dela, ela segurava a cabaça diante do rosto e se vira de repente. A criança se assustou: “essa não é a mamãe, é um fantasma feioso”, assim gritando a criança retornou correndo de volta para a casa. Essa foi a Kashashi, criadora das máscaras.

Origem da Máscara Mashamboy

Antigamente morava nas águas um espírito chamado Mashamboy, que se enveredou pelas casas do povo com uma doença Geji. Aqueles que eram acometidos pelo mal perdiam a visão, caíam como se estivessem embriagados e morriam. Na época, Bo Kena era o chefe, e um homem de nome Bokoboko foi à floresta e de súbito viu esse espírito. Cheio de medo, ele voltou embalado ao vilarejo e contou ao chefe o que vira. Bo Kena então ordenou que ele descrevesse o espírito. Bokoboko disse: “ele é tão horrível, que eu nem posso descrevê-lo com palavras. Mas me dê um tempo e os recursos, vou desenhá-lo para o senhor.” Bo Kena assentiu. Bokoboko construiu uma cabana longe do vilarejo e começou o trabalho. Requisitou folhas de cânhamo, penas de pássaros e o pelo de um morcego bem grande. Bo Kena deu a ele as duas primeiras coisas, mandou o povo caçar um morcego e enviou a Bokoboko o bicho. Bokoboko confeccionou uma máscara, parecida com Mashamboy; procurou duas árvores, delas extraiu duas cores, uma amarela e a outra preta; com essas cores e terra branca ele pintou a máscara que tinha criado. Do material restante, ele fabricou um manto, com o qual cobriu o corpo. Esse manto era flexível e assentava perfeitamente ao corpo. Eram pequenos triângulos do tecido, pintados em branco e preto e costurados uns nos outros. Depois de terminar, ele mostrou ao rei. “Ah”, disse o rei, “é justamente disso que estou precisando”. Uns dias mais tarde, o rei desapareceu. Sua mulher e seus súditos choravam-lhe a morte e perguntavam “onde está Nijmi?” Logo que o sol dormiu, surgiu uma coisa estranha; no lugar ninguém tinha visto algo parecido antes. Era o rei vestindo a máscara Mashamboy; ninguém o reconheceu. Dançou espalhafatoso espantando mulheres e crianças e, daí a um tempo, foi-se embora. Deixou máscara

e manto entre os arbustos, escondendo-os cuidadosamente. Depois ele voltou ao vilarejo, vestindo-se como de costume, e foi saudado com alegria. Mulheres e crianças contaram a ele sobre o fantasma horrível que tinham visto no dia anterior. “Eu sei, eu sei disso, era Mashambo, que nos dá a Geji. Ele veio ao vilarejo prá’ ver se aqui tinha mulheres relentas e crianças custosas. Se as encontrasse, teria espalhado a doença.” Assustadas, as mulheres e as crianças prometeram ficar quietas e obedientes.

(Bambala: sul da bacia do Rio Congo)

Referências bibliográficas

EINSTEIN, Carl (editor). *Afrikanische Märchen und Legenden*. Bremen: ELV, 2013.

EINSTEIN, Carl. *Afrikanische Märchen und Legenden*. Hamburg: Fischer Taschenbuch Verlag, 2014.

Submissão: 21/04/2021

Aceite: 20/06/2021

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2021.e86363> Esta obra foi licenciada com uma

Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.